

Em Trombas e Formoso (Goiás) São os Próprios Camponeses Que Fazem a Reforma Agrária

Este relato, como certos romances, começa pelo fim. E o fim é a vitória. Trata-se da vitória dos posseiros de Formoso e Trombas.

Talvez você, leitor, jamais tenha ouvido falar de Formoso e Trombas, ou talvez se tenha esquecido depois de vários anos passados em que estas duas pequenas localidades — que apenas nasciam — do interior de Goiás ocupavam vastamente as páginas da imprensa, não só daquele Estado como do sul do país.

PROSSIGAMOS

A vitória de agora, que registramos com satisfação aqui, é a vitória dos posseiros sobre a polícia, sobre os grileiros e seus capangas e sobre os que os apresentavam como bandidos porque lutavam de maneira espontânea, pela terra, um mísero pedaço de terra que lhes poderia dar o sustento, a eles, homens de pé no chão, vestidos roupas remendadas, a suas mulheres e filhos, todos com seus pobres organismos desgastados pela subnutrição, pela máleita, pela doença de chagas, como ainda hoje...

Foi estes homens — vindos do Maranhão, da Bahia, de Minas ou radicados ali mesmo, em Goiás, expulsos de seus Estados ou lugar de origem por não encontrarem meios de vida, vendidos pelo latifúndio — estes homens resistiram, lutaram e venceram apesar de tudo.

RECONHECIMENTO

Desde 1938, pelo menos, fizeram silêncio em torno de Formoso e Trombas. Teriam sido massacrados os posseiros, teria se movido uma guerra de morte em 1933, 34, 37?

Tivermos a resposta agora, em maio último. Num dia daquele mês, uma comissão dos posseiros de Formoso e Trombas, chefiada por Zé Porfírio, era recebida no palácio do governo, em Goiânia, pelo governador Mauro Borges Teixeira. Eram homens rústicos, de mais calças, fisionomias sofridas. Um deles descalço, pisando os forros tapetes da sala onde são recebidos altas personalidades...

— Como éis são atípicos! — E natural, tiveram uma vitória. Não é por acaso que são recebidos hoje no Palácio do governo — replicou o conhecido.

— Não, contestou a senhora. No passado, outros governadores os recebiam também, a homens tão pobres e simples como estes.

— Mas há uma diferença essencial, minha senhora. Aquêles de ontem vinham pedir. Estes de hoje vêm firmar um acordo com o governo.

— Ah, isto o sr. tem razão...

O ACORDO

E o acordo foi concertado. Do entendimento entre posseiros e o governo realizado no Salão Nobre do Palácio das Esmeraldas, constam diversas cláusulas. Uma delas, é o reconhecimento pelo governo da legitimidade da ocupação de uma área de 10 mil quilômetros quadrados da região de Formoso-Trombas. Nesta área, as terras pertencentes ao Estado serão divididas entre os posseiros que se ocuparam ou que venham a ocupar. As terras de particulares serão desapropriadas pelo Estado e imediatamente registradas pelos posseiros. Nas terras em lití-

Reportagem de RUI FACÓ enviado especial de NR (1ª de uma série)

gio (supostas sesmarias ou objeto de grilagem) o Estado avocará a si as questões, e também estas terras serão entregues aos posseiros, que as dividirão segundo critérios adotados por sua Associação de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas.

Do acordo concluído entre posseiros e governo de Goiás, os títulos de posse serão entregues logo depois da respectiva demarcação. Esta será efetuada por um agrimensor nomeado pelo Estado por indicação dos posseiros e que já foi feito.

Ponto importante ficou igualmente esclarecido: o conceito de posseiro, pois muitos grileiros, autênticos ladrões de terras, se arrogam este título. Estabeleceu-se portanto que é considerado posseiro aquele que tem a posse direta da terra e que trabalha a terra. A Associação dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas de Formoso-Trombas fica de entregar ao governador uma lista dos legítimos posseiros da região, dos já radicados ali e que venham a radicarem ali e queiram tornar-se agricultores. Esta lista será a base para a demarcação e o recebimento das poses.

UMA RESSALVA

Dentro da área de 10.000 quilômetros quadrados demarcada segundo o acordo obtido pelos posseiros, existe, ignorada, segundo me disseram, pelo próprio Serviço de Proteção aos Índios, uma tribo indígena em estado ainda selvagem. São índios Canoeiros, cujas aldeias ficam na Mata do Café, numa extensão de aproximadamente 30 mil alqueires goianos, ou cerca de 130 mil hectares. Estas terras serão rigorosamente respeitadas pelos posseiros.

OUTRAS REIVINDICAÇÕES

Além do reconhecimento pelo governo da legitimidade da posse das terras de Formoso-Trombas pelos seus ocupantes e que as trabalham, outras reivindicações destes devem ser atendidas: a criação de 2 escolas, um posto médico, reconstrução (na realidade, construção), da rodagem Entroncamento (Santa Teresita)-Trombas, abertura de uma estrada ligando Campinorte a Campinapu, além da ajuda para a fundação de uma cooperativa de produção e consumo na região.

A IMPORTÂNCIA DO ACORDO

Este o acordo, fato inédito na história da luta pela terra no Brasil. Sua importância reside em alguns pontos essenciais que deixamos assinalados inicialmente. Em primeiro lugar, é o reconhecimento pelo Estado de uma conquista realizada em luta renhida, durante anos, entre posseiros e grileiros, da qual havia participado a própria polícia militar de Goiás. Em segundo lugar, é o reconhecimento de fato, pelo Estado, de que a terra deve ser entregue a quem a trabalha.

Numa situação dada, o Estado foi obrigado a tomar partido em favor dos posseiros, contra os mais ferrenhos inimigos destes: os grileiros. Em terceiro lugar, é o reconhecimento pelo Estado da legitimidade da organização criada pelos posseiros, no curso da luta, para a reunião de suas forças e para a defesa de seus interesses as Associações dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas de Formoso-Trombas, Serra Grande e Rodovia. Com estas entidades foi concluído o acordo celebrado no Palácio das Esmeraldas entre a comissão dos posseiros e o governador Mauro Borges. Em quarto lugar, é o reconhecimento pelo Estado da autonomia que possui a Associação para efetuar a distribuição das terras agora em seu poder, segundo critério por ela mesma adotado.

Todos estes reconhecimentos, naturalmente, estão limitados ao âmbito de uma única província e a uma administração que, por circunstâncias particulares, vê-se na emergência de fazer concessões numa questão das mais melindrosas no que se refere à propriedade no Brasil, a propriedade da terra. Não se trata tampouco de uma orientação generalizada daquele mesmo governo, tanto assim que os posseiros terão que registrar, ao menos simbolicamente, a terra que lhes é reconhecida em posse, num prazo que varia de 6 a 10 anos. Mas, ainda, comprometeram-se os posseiros a não ajudar outras lutas semelhantes que surjam nas suas vizinhanças. (Mas, é o caso de perguntar-se: quem ajudou a esta que acaba de tornar-se vitoriosa?...)

Estes senões, porém, não diminuem a importância da conquista dos posseiros de Formoso e Trombas, facilitada por outros motivos que analisaremos mais adiante.

Agora, conhecida a vitória dos posseiros, procuremos o que a determinou, como surgiu, pois a história de Formoso-Trombas ainda não foi contada e para fazê-lo é necessário vencer os milhares de quilômetros que a separam do Rio. O primeiro trecho da jornada é fácil, na mais movimentada das novas linhas aéreas do país, a Rio-Brasília. De lá por diante, um bom trecho de estrada asfaltada nos levará à capital de Goiás, Goiânia. Depois, são uns 400 quilômetros através da BR-11, a famosa e apenas aberta Belém-Brasília, oficialmente denominada Rodovia Bernardo Sayão, mas que ninguém chama assim; todos a conhecem no interior é como a Federal. As outras, são estaduais e piores, ou municipais e quase inexistentes, representando não só desconforto como até mesmo perigo de vida.

PREPARANDO-SE PARA A LUTA

Chegue a Brasília, admire este monumento arquitetônico, extraordinariamente belo, construído para a burguesia, por um artista revolucionário, va até a Cidade Livre para conhecer a verdadeira alma do Planalto e, depois, se afastar algumas dezenas de quilômetros pelos arredores: o Gama, o Gaminha, Sobradinho... É gente simples, trabalhadores que os habitantes. Ou foram deslocados da Cidade Livre, à força, ou chegaram há pouco, de lugares ignorados, do Nordeste, do interior de Minas, do próprio Goiás, onde Brasília nasceu. E por toda parte você ouvirá um termo que de início lhe chocará o ouvido, mas que depois se tornará comum: invasão.

Ouvir-se pela primeira vez no Gama, a uns 40 quilômetros de Brasília, onde neste meio ano se radicaram umas 3 mil pessoas. São operários que construíram Brasília, muitos deles hoje desempregados, obrigados a se mudarem de Vila Anáclis, nos arredores do Lago.

Até há pouco, isto, aqui era uma região alagada — dizem-me — Dessas onde o laravel Pinheiro chegava e ordenava: «Vai ser aqui...». E aí plantavam casas, dia e noite, de segunda-feira a domingo, casas improvisadas com os restos das construções de Brasília: sacos de cimento, a princípio, depois as tábuas dos andaimas, depois materiais mais resistentes. A maioria porém é de madeira.

As terras não vieram para os pobres. Então tiveram início as invasões.

No Gama e no Gaminha, duas localidades surgidas há pouco, já se concentram umas 20 mil pessoas. Tudo indica que a enorme Cidade Livre, uma vez reduzido o ritmo de construção de Brasília, concluída as obras essenciais, será deslocada, não do que pela força, como está sendo pela necessidade imperiosa de viver que têm seus habitantes. E estes se dissolvem pelos arredores de Brasília, em novas invasões, ocupando terras, não obtidas todas as cautelosas — e todas as violentas — de que venham a lançar mão as autoridades.

Pergunto a mim mesmo: Não haverá, no fim de contas, um interesse econômico da própria burguesia em que isto aconteça? Está ela enfeada em povoar o Planalto, em dar-lhe vida, em explorá-lo, fomentar suas riquezas, obter lucros. E não poderá fazê-lo sem homens, sem trabalhadores, que venham para aqui a qualquer preço. As melhores terras já foram por ela apropriadas; as restantes poderão ser ocupadas desde que se respeitem determinadas normas «jurídicas» que mantenham a sacrossanta propriedade privada.

Não há dúvida, porém, de que a situação pode tornar-se explosiva e as classes dirigidas percam seu controle — tão vivo e candente é hoje o problema agrário no Brasil.



havela das sobras da Nova-cap — com simples novas-cap de terras. A história da terra no Brasil se repete ali, em miniatura.

la policia. E a policia foi, pressurosa. Registraram-se então o primeiro choque armado entre os posseiros — em geral nordestinos, mineiros, baianos, recém-chegados e que ocupavam uma nesga de terra devoluta para plantar e criar e conseguir o de comer — e os agentes das autoridades, acompanhados pelos capangas dos grileiros.

JOSE FIRMINO

Pelo ano de 1933, quando os primeiros posseiros de Formoso esboçaram uma débil resistência à policia que os atacava, tinham um chefe em torno do qual se congregavam. Chamava-se José Firmino. Era um posseiro pobre, dos primeiros a chegar à zona de Coqueiro de Galho, em Rio dos Bois, perto de um patrimônio velho; Morro de Campo. Firmino teve então seu nome em evidência. Mas, não aguentou o rolê. Quando eclodiram os primeiros choques mais sérios — diz-me um habitante da região — ele penetrou, fugiu...

Antes da fuga de Firmino prosseguiu porém a luta, ainda em 1934, dirigida por um velho posseiro baiano, de nome Binha. Nessa época formou-se o primeiro piquete, de 60 posseiros, decidido a enfrentar um grileiro feroz que pretendia expulsar os posseiros, um tal Sebastião Castro, conhecido por Sebina. Esta ação mais enérgica dos posseiros foi erroneamente atribuída a Binha, mas na época ele já se encontrava distante da zona em edifício, umas seis léguas adiante. E verdade que não capitulara ainda. Nesse mesmo ano de 34 ainda arreigava alguns posseiros, forma também o seu piquete para dar combate à policia, que de Urucu — a capital dos grileiros — aproximava-se de Rio dos Bois. Mas a policia, avisada, não se atreveu a enfrentá-lo. Dirigiu-se a Formoso, então minúsculo patrimônio, em cujas proximidades, no córrego Pipeca, Binha tinha o seu piquete. Novamente presentindo resistência, a policia recuou.

Como acontece sempre com todos os grileiros, Sebina tinha seu forte apoio político na localidade mais próxima. Era-lhe protetor o chefe do PSD em Formoso, o tre grande proprietário de terras na zona, João Soares dos Santos. Compreendendo que a situação chegara a um ponto crítico João Soares desiste temporariamente da perseguição policial e adota uma nova tática: convida Binha para um entendimento com Sebina, miúdo de grileiro e advogado. Binha e os seus reconheceram os domínios de Sebina e de seu amigo, Eusébio Martins sobre uma determinada área e, em troca, teria um cargo de relativa importância em Trombas: Inspetor de Quartelão, encarregado de cobrar os arrendamentos dos posseiros. Binha não resistiu ao processo de corrupção, e capitula.

FORFÍRIO

Mas nem Firmino, nem Binha tinham surgido por acaso. Sua atuação refletia um determinado nível de organização — ou falta de organização dos posseiros. Surgiria naturalmente um líder de mentalidade mais avançada, não corrompível, firme e decidido, na medida em que os posseiros evoluíssem e alcançassem uma relativa unidade. A luta mesma se encarregaria deste processo e forjaria o chefe capaz de dirigir os posseiros na resistência aos grileiros.

Quando a luta se aguçou, com as novas invasões dos grileiros, protegidos pela policia militar e pelos jagunços, entre meados de 1935 e 1936, ganhou evidência o nome de José Porfírio, ou simplesmente Porfírio.

Era, até então, quase desconhecido entre os posseiros. Não formara nem com Firmino nem com Binha. Lutava mais ou menos individualmente, ou melhor, juntamente com os de sua família, uma família numerosa e unida. Defendia seu pedaço de terra.

Para ver-se o quanto a luta desencadada em Formoso dependeu da iniciativa dos grileiros, de sua insaciável voracidade, de suas ações de banditismo, basta mencionar o fato de que ainda em meados de 1935 Porfírio procurara um entendimento com o grileiro, Cristiano Cesar, de Porangatu. Val a sua casa e lhe propôs a compra de uma área de 20 alqueires em suas enormes extensões incultas. Cristiano recusou terminantemente, tratou com grosseria, sua mulher, enfurecida, é mais violenta ainda com o posseiro que demonstra semelhante audácia. Porfírio trata de sair logo, com o justificado receio de ser assassinado pelos capangas do grileiro. Era esta a lei da terra: o grileiro matava impunemente os que calam em seu desagrado.

Mas a visita redundou num grande benefício para Porfírio. Ele viu que não era possível qualquer entendimento com grileiros ou com as autoridades que os protegem e as quais os posseiros costumavam dirigir seus abalo-assinados pedindo terra. Esta não viria sem a luta.

SURGE A ASSOCIAÇÃO

No mês de abril de 1935 ocorre um choque armado de relativa seriedade em Coqueiro do Galho, na zona de Formoso. Nesse choque a policia tem duas baixas: morre o sargento Nelson, é baleado o cabo Alquino. Como acontece sempre que morre alguém em luta, a noticia espalha-se por todo Goiás e o nome de Formoso projeta-se nacionalmente.

O choque era sinal de que a luta se aguçava, de que os posseiros estavam mais unidos e resolutos em sua determinação de enfrentar os agentes de seus inimigos, os grileiros. Haviam, poucos meses antes, criado uma Associação. Chamava-se Associação dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas de Formoso-Trombas. Em janeiro de 1935 fora legalmente registrada, com a presença de um advogado que se encarregou do processo, o escritor José Godoy Garcia. Porfírio foi eleito presidente da Associação.

O que era a Associação? A que se destinava? Que faria ela em benefício dos posseiros, cujo número crescia dia a dia em toda a zona de Formoso-Trombas?

Os posseiros viam com certa desconfiança, já então tinham estado, seguiu dos em qualquer outra sociedade, eram homens rústicos, alfabetos quase todos, tinham vindo do atrasado meio rural do Maranhão ou de outros Estados vizinhos para aqueles desertos do Centro-Oeste semitropical. Eram de natural desconfiados e tímidos, já, mas tinham conhecido qual-quer iniciativa em seu proveito. Mantinham-se, por isso, na sua maior parte, à distância.

Foi quando eclodiram os choques mais sérios entre posseiros e a policia, coadjuvada pelos capangas dos grileiros. Era junho de 1935. Ainda hoje se fala, como se tivesse ocorrido ontem, na morte do filho de um dos mais famigerados grileiros da zona: Camagum, e um jagunço paribair-
«GUERRA FRIA» NO CAMPO

«GUERRA FRIA» NO CAMPO

Os posseiros mesmos, em suas conversas, referem-se de vez em quando à guerra fria que tiveram de sustentar por um longo período de tempo. Foi uma situação tensa que se seguiu a esse choque. O caminho de Santa Teresita (o Entroncamento, como chamam, por ser a confluência com a Belém-Brasília, ou o seu desvio) até Trombas, nos pontos estratégicos, ficou semeado de piquetes, alguns volantes, outros fixos, dia e noite, durante três meses. Grupos de posseiros se revezavam nos piquetes e no amanho da terra, pois era a época do plantio. A enxada de um lado, e a espingarda do outro. De noite, alguns vigilantes atiravam para a misera verdade por entre a mata, a que chamavam estrada. Eram barrancos e barrancos, córregos a cada passo, não havia pontes, mas sobre as simples pinguelas, os córregos, podiam passar veículos carregados de soldados e capangas. Da estrada poderia vir a morte. Derrubavam árvores impedindo-a. Mas as árvores eram removíveis ou podiam ser contornadas. A fúria avassaladora dos grileiros e de sua policia vencia até então todos os obstáculos. A terra valia qualquer sacrificio...

Para aqueles homens pobres que faziam a sua pobre sementeira de subsistência a terra era mais do que a vida: era a sobrevivência imediata. Por isso pegavam em armas, vigilantes, alertas ao menor ruído, suportando dias e noites seguidos de chuvas ininterruptas. Era a época das águas — como eles dizem e sabidamente, sem usar nunca o termo inverno. Não podiam comer comida feita: feijão, carne, farinha, arroz. Alimentavam-se de enlatados, que pareciam não matar a fome, nem satisfiziam seu paladar. Seria que mesmo, no meio da chuva viriam os soldados? Sim, podiam vir, seus caminhões eram cobertos de lonas reforçadas, que os abrigavam bem. Ademais, por ser a época do plantio, tinham os grileiros o propósito de impedir que os posseiros viessem a ganhar mais aquelas terras vendendo-as florecer e frutificar, e mais rentavelmente lutassem por ela, em sua defesa. Os soldados podiam vir precisamente para impedir o cultivo das terras...

Certa noite, chovia tanto, havia tantas horas os homens estavam encharcados, tirando de frio, engelhados, os dedos imóveis ao galitinho, que foram para junto de suas famílias, abraçadas em choques improvisadas, próximo. As mulheres se horrorizavam ao vê-las voltar. Eles tentaram explicar:

— A gente não aguenta mais de tanta chuva, de tanto frio... Esta noite não vai ter piquete na estrada...

— Como? Não vai ter piquete na estrada?! Então nós vamos...

E a determinação das mulheres era inabalável.

Os homens voltaram, sob a chuva.

NOVOS RUMOS